

A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO CAMPEONATO MUNDIAL DE MONTEVIDEO

Antonio Celso Ramalho

Encerrado o Campeonato Brasileiro de Limeira, com uma das melhores organizações que já tive a oportunidade de assistir, mal deu tempo de chegar em casa, arrumar novas malas e, no dia seguinte já era hora de voar para o Uruguai.

No Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, eu e a Stella integramos a delegação brasileira, numerosa e alegre, que aguardava o embarque. Lá estavam dirigentes, juizes, criadores e alguns familiares que nos acompanhariam nessa viagem: Beraldi, Celinha, Arnaldo, Marília, Álvaro, Fátima, Paulo Vianna, Orlando, Lúcia, Alexandre, José Américo, Paulo Gracioli, Carlos, Dorival Pavan, Giordano e Otávio.

Como sempre acontece nessas ocasiões, as brincadeiras e gozações rolavam soltas, mas na mente de todos a consciência da responsabilidade de levar os pássaros brasileiros para mais um Mundial e do trabalho árduo e sério que nos aguardava em toda a viagem.

A ausência sentida e lembrada a cada instante foi a do Seraphim, porém muito bem representado pela esposa Lúcia e pelo neto Alexandre. Essa ausência, entretanto, foi justificada, pois o Seraphim, como zeloso Vice Presidente Administrativo, ficou para cuidar do material da FOB que estava em Limeira. Mas, espiritualmente, tenho a certeza que esteve conosco o tempo todo e, uma das suas frases características era sempre carinhosamente lembrada e repetida por alguém a todo instante, sempre provocando gostosas gargalhadas.

Os canários, bem acondicionados e alimentados, com os documentos em ordem, também aguardavam ao nosso lado o embarque cantando alegremente, antecipando a satisfação de mostrar toda a sua beleza e qualidade técnica em mais um Campeonato Mundial.

A nota pitoresca do embarque ficou por conta do Otávio que, solicitado a apresentar os seus documentos, só tinha a carteira da O.A.B. Resultado: a única viagem que ele fez nesse dia, foi voltar a Jaú para pegar a carteira de identidade e só seguiu para Montevideo no dia seguinte.

O vôo foi tranquilo e ao final da tarde chegamos ao Aeroporto de Carrasco. Todo mundo ficou curioso (certamente o Álvaro não) quando, ao aproximar-nos de Montevideo, a comissária da PLUNA comunicou que a temperatura local era de dois graus centígrados positivos, mas com a "sensação térmica" de dois graus centígrados negativos!? Assim que pisamos o solo uruguaio compreendemos logo a tal sensação térmica, porque o vento gelado e cortante realmente conferia uma sensação de frio muito maior que o marcado pelo termômetro.

Amavelmente nos esperavam com um ônibus, o Dr. Puig, Presidente da ACRU, o seu infatigável companheiro Deus e vários simpáticos dirigentes uruguaios.

De imediato seguimos para o recinto do Campeonato, pensando em engaiolar nossos pássaros antes de irmos para o hotel. Lá chegando, entretanto, o frio era tão intenso que resolvemos não tirar nossos canários das caixas, onde a temperatura interior era alta, com medo de submetê-los a um choque térmico. Então foi reforçada a alimentação, substituída a água, espaçados os transportes em cima de mesas, ficando a tarefa do engaiolamento para a manhã seguinte.

Chegamos ao hotel já tarde. As mulheres ansiosas para desarrumar as malas e os homens com muita fome, sem a mínima disposição de acompanhá-las no chá com torradas que pretendiam tomar. As mulheres ficaram então no hotel e nós fomos jantar no restaurante ao lado. Sem as mulheres para "vigiar", nos regalamos com fartos pratos de "terneras, matambres y lomos", regados ao generoso "vinõ uruguayo". Cansados, com frio e muito sono, mas de barriga cheia, voltamos logo para o hotel pensando em dormir um pouco, pois muito trabalho nos aguardava logo pela manhã.

Nessa noite a "nota fora" ficou por minha conta. Chegando ao quarto, que estava super-aquecido, tomei banho mais quente ainda e, com muito sono deitei e adormeci de imediato, com a luz acesa, televisão ligada e com a cama ainda cheia de roupas e materiais da OBJO que a Stella pacientemente tentava acomodar nos armários.

Dormi pouco. Acordei com um grande mal estar, possivelmente causado pelo baixo teor de oxigênio no ar provocado pela calefação e/ ou a inglória batalha travada pelo meu estômago com as "especiarias" há pouco ingeridas. Transpirando como se estivesse em pleno verão carioca e com a cabeça girando muito, levantei-me sem saber bem o que acontecia e tentei ir ao banheiro. Só me lembro disso. A vista escureceu e... Quando acordei, algum tempo depois, vi os rostos assustados da Stella e do Paulo Vianna (não sei qual estava mais apavorado), já pensando que eu tinha desertado.

Aí, foi conferir o estrago. Um tremendo "galo" na cabeça, muito bem acompanhado de um "simpático" talho, ganhos na batida da nuca em um registro do banheiro e a sensação que uma "jamanta" tinha passado pelo meu lombo.

Passado o susto, só nos restava tentar dormir um pouco, já com a expressa recomendação do médico/amigo Paulo e da esposa/proprietária Stella: "Amanhã o senhor não vai sair da cama".

Quando amanheceu o dia, como sempre, eu já estava acordado há muito, e aproveitando o "cochilo" da Stella que passou a noite me "vigiar", fui um dos primeiros a chegar para o café da manhã.

Fora os "estragos" já referidos, que naturalmente não me deixaram esquecer o incidente por muito tempo, me sentia bem e disposto a acompanhar o pessoal para as tarefas do dia. E lá fomos nós para engaiolar nossos canários.

